Centro de Documentação e de Publicações FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO 1

MELO ANTUNES E O DIÁLOGO NORTE/SUL

Conheci Melo Antunes já nos Governos Provisórios. Como no II Governo aceitei a pasta do recém-criado Ministério dos Assuntos Sociais, passei a ter assento no Conselho de Ministros. E de cada vez que Melo Antunes intervinha no debate eu ia descobrindo uma espantosa convergência de ideias sobre aspectos fundamentais da vida política e, em particular, sobre as transformações geo-políticas que estavam a ter lugar desde o fim da II Guerra Mundial, especialmente com o advento do Terceiro Mundo. O estímulo pessoal que me veio dessa convergência e a amizade intelectual que nela se alicerçou e de que me orgulho iriam, para nosso espanto, tornar-se argumento "político" de forças partidárias. Na Assembleia da República essas forças manifestaram, no debate do Programa do Governo que presidi em 1979, a sua oposição à minha designação, invocando, entre os três argumentos justificando a sua oposição, que (a Primeira-Ministra) "em várias das suas declarações públicas reconheceu haver várias zonas de coincidência entre as suas ideias e as do tenente-coronel Melo Antunes". (E a acta da sessão da Assembleia fielmente anota para que conste: "*Risos do PS, do PCP e da Sr.ª Primeiro-Ministro*".)

Retomando a linha mestra dessa tão "perigosa" convergência, devo acentuar que era evidente e seguro para Melo Antunes que o advento à comunidade das nações de dezenas de novos Estados, até então possessões coloniais, trazia novas dimensões à maneira de olhar o mundo, de realizar a governação, de estabelecer relações internacionais de tipo ainda não suficientemente pensado entre a velha Europa, as duas super-potências e o hemisfério Sul. No regresso de um dos encontros de Melo Antunes com Julius Nyerere - homem que eu admirava pela dimensão económica e cultural que procurava imprimir à independência da Tanzânia - uma longa conversa mostrou-nos uma leitura idêntica da nova configuração do mundo e das oportunidades que representava para esboçar as grandes linhas de políticas plenamente democráticas.

Fundação Cuidar o Futuro

Esta convergência não nascia de uma fantasia idealista nem de qualquer receita de manuais ideológicos que ambos rejeitávamos por inadequados à situação de Portugal e por limitativos da inovação que a nossos olhos se impunha. Nos anos '60 e '70, éramos vários pelo mundo fora a acreditar profundamente na capacidade de o Terceiro Mundo encontrar uma nova via política que não esmagasse o homem como o faziam, através de ideologias opostas, o comunismo e o capitalismo. Situávamo-nos, por um lado, na linha das políticas e do desenvolvimento alternativos, conceptualizados por pequenos grupos de intelectuais e pelos movimentos sociais nascentes. Por outro lado, víamos no Movimento dos Não-alinhados a possibilidade de se desenhar no mundo uma nova forma de conduzir as políticas

públicas de modo a que os povos dos paises do hemisfério Sul pudessem alcançar, pelo menos, os níveis da sobrevivência a que a sua dignidade de seres humanos lhes dava direito.

Esta evolução não tinha para Melo Antunes apenas importância para o hemisfério Sul mas para todos os países pobres em transição para a democracia. É que para ele a democracia não era apenas a democracia política mas também a democracia social, económica e cultural. E não se tratava aqui de um sonho romântico de "revolucionários".

Vivia-se então em plena guerra fria e pensavam muitos que a intensa polarização ideológica que se pensava pudesse ser ultrapassada com o contributo do Terceiro Mundo. Em 1947, com a independência da Índia começara o lento movimento de auto-determinação dos povos até então colonizados ou mantidos sob tutela. A designação de Terceiro Mundo surge no início dos anos 50, em paralelo, diferido no tempo, com a designação do "Terceiro Estado" consagrada pela Revolução francesa. É generalizada a convicção de que o Terceiro Mundo é uma realidade homogénea, marcada como é pelas guerras de independência e pela revolta contra a sangria dos seus recursos e a marginalização cientifica e tecnológica a que é votada.

O Movimento dos Não-alinhados nasce dessa convicção. Começa por ser uma tentativa de colocar o Terceiro Mundo num papel de independência face aos dois grandes blocos que dominam o mundo. Rapidamente, porém, as duas super-potências começam a "interessar-se" por esse Terceiro Mundo. São os grandes países da Ásia, é a zona estratégica do Médio Oriente, é a tentativa da China, após a sua entrada na ONU no início da década de 70, de liderar o Terceiro Mundo. O Egipto, sem perder a sua ligação aos Não-alinhados, durante alguns anos torna-se parceiro da União Soviética para vir a ser depois o segundo país na lista de importância dos países que recebem dos Estados Unidos ajuda ao desenvolvimento. Este é o exemplo paradigmático do que aconteceu à maioria dos países participantes no Movimento dos Não-alinhados.

Fundação Cuidar o Futuro

Com a revolução portuguesa e a independência dos países africanos de expressão portuguesa, é a própria noção de Terceiro Mundo que começa a diluir-se e que ganha forma a expressão que sempre ouvi Melo Antunes adoptar de *diálogo Norte/Sul*.

Enquanto se preparava e finalmente se dava a independência política e administrativa dos últimos países colonizados, dois factos marcam a importante tentativa do Sul de se impor também pela sua independência económica. Em 1973, os países produtores de petróleo decidem fixar o preço da sua matéria prima, que se revestia de importância fundamental para os países industrializados. Esta primeira revolta pela independência económica do Sul é seguida por

Centro de Documentação e de Divulgação FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

um acto arrojadíssimo que teve como principais protagonistas o México e a Argélia - estes países levam as Nações Unidas a adoptar, na Assembleia Geral de 1974, uma resolução sobre a soberania económica dos estados, afirmando, entre muitos outros princípios, a legitimidade política de cada Estado deter também o poder sobre os preços das matérias primas que produz e exporta. Em Janeiro de 1975 esta resolução desemboca na Carta sobre os direitos e deveres económicos de cada Estado. Passa-se então, no plano internacional, do conhecido mote das resoluções do sistema das Nações Unidas de condenação do "colonialismo, imperialismo e apartheid" para o mote da "nova ordem económica internacional".

Estes acontecimentos, da maior importância na evolução do hemisfério Sul, têm lugar ao mesmo tempo que começa em Portugal a transição para a democracia. Ernesto Melo Antunes não fica alheio a esta evolução: as suas ideias para a transformação necessária na sociedade portuguesa, tão claramente explicitadas no Programa do MFA, retomam actualidade renovada e contornos precisos na elaboração do Programa Social e Económico do III Governo Provisório e reflectem a sua profunda convicção de que a democracia não se define só pelo vector político mas igualmente pelos vectores sociais, económicos e culturais.

A nova ordem económica internacional, se constituiu um imenso corpus de estudo e investigação nos anos 70, sofreu uma total erosão com a dupla Reagan/Thatcher e a sua descendência neo-liberal. Hoje essa força que marginaliza cada vez mais os países sem recursos do Sul cria dentro de cada país do Norte o seu próprio Sul.

Fundação Cuidar o Futuro

São, por isso, cada vez mais actuais as ideias de Melo Antunes. Foi um erro trágico que a elas tenha sido colado o rótulo provinciano e superficial de "terceiro-mundismo" atribuido pelas forças que nunca aceitaram que um militar fosse culto, imaginativo, conhecedor da ciência política e permanentemente contemporâneo do seu tempo. Todos aqueles que vimos a sua acção - pois só nos actos se revela em política o pensamento - sabemos que a sua preocupação pelo diálogo Norte-Sul é hoje um imperativo político e ético da governação em qualquer Estado deste vasto mundo.

Maria de Lourdes Pintasilgo

Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

MLP/MA e NS/11.10.99

"Melo Antunes e o Diálogo Norte-Sul"
Boletim da Associação 25 de Abril
(Setembro/99)

Bibliografia

- Defarges, Philippe Moreau, "Du Tiers Monde aux Tiers Mondes", *in* Les Tiers Mondes - Cahiers Français, nº 270, mars-avril 1995, pp. 3-9.
- ----------, "L'éclatement ideologique et politique: mythes identitaires et poids de l''ccidentalisation", *Ibidem*, pp. 32-38.

Fundação Cuidar o Futuro